



LÂMPADA PARA OS MEUS PÉS: ANÁLISE INTERSEMIÓTICA DA PROPAGANDA ANTICOMUNISTA E REALISMO CAPITALISTA EM *SUPERMAN: RED SON* (2003), DE MARK MILLAR, E “*SUPERMAN: ENTRE A FOICE E O MARTELO*” (2019), DE SAM LIU

Lightbubs for my Feet: Intersemiotic Analysis of the Anticommunism Merchandising and Capitalist Realism in Superman: Red Son (2003), by Mark Millar and “Superman: Entre a Foice e o Martelo” (2019), by Sam Liu

Bombillas para mis pies: análisis intersemiótico del merchandising anticomunista y el realismo capitalista en Superman: Red Son (2003), de Mark Millar y “Superman: Entre a Foice e o Martelo” (2019), de Sam Liu

Ybsen Louro¹
Yasmine Louro²
Diana Barreto Costa³

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar a construção discursiva anticomunista a partir de uma análise intersemiótica comparativa da graphic novel *Superman: Red Son* (2003), de Mark Millar, e a adaptação cinematográfica *Superman: Entre a Foice e o Martelo* (2019), de Sam Liu. A metodologia utilizada será a Teoria Semiótica Greimasiana, à luz dos estudos de Barros (2005), a modo de investigar os signos, símbolos e imagens utilizados nos corpora para transmitir mensagens anticomunistas. A fundamentação teórica ficará à cargo de Slater (2001), quanto a dinâmica da cultura do consumo na sociedade humana contemporânea; Eagleton (2011), quanto a cultura, e Hall (2016), quanto a representação; acerca do realismo capitalista e os mecanismos de controle por meio do consumo de mídias, serão consideradas as arguições de Bauman (2022), Bucci (2021) e Fisher (2020);. Como resultados, obteve-se que a adaptação de Sam Liu da obra de Mark Millar é fiel nos mecanismos de disseminação das ideias traduzidas em imagens de teor anticomunista, respondendo ao exercício de imaginação coletivo de “e se o Superman tivesse caído na União Soviética e não nos Estados Unidos?”. O Superman enquanto figura emblemática do capitalismo tem a sua

¹ Graduando. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Imperatriz, Maranhão, Brasil. E-mail: ybsengauss@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8251641315442833>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0009-0300-000X>

² Doutoranda. Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: yasminelouro@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7417466504142267>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>

³ Doutora. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Imperatriz, Maranhão, Brasil. E-mail: diana.costa@uemasul.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8323976550904898> Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7499-1631>

imagem subvertida em um ideal comunista sob a ótica capitalista. Como considerações finais, apontamos que a representação do Superman como uma arma letal de natureza messiânica, manipulada pelo Estado, demonstra-se enviesada e inverossímil, considerando que, canonicamente, o Superman favorece belicamente os EUA em diversos conflitos entre nações e é movido pela ideologia liberal-econômica enquanto é alegoria para o poder e imensidão estadunidense, o que fornece a compreensão de que com maior agilidade, os EUA dominariam uma força da natureza como o Superman, onde os autores trabalham em prol da elaboração de uma narrativa que trate de uma representação caricata da União Soviética.

Palavras-chaves: Superman. União Soviética. Intersemiótica. Anticomunismo.

Abstract: The following research had as main objective to analyse the anticommunist discursive construction through the intesemiotical comparative analysis of the graphic novel *Superman: Red Son* (2003), by Mark Millar, and the cinematographic adaptation “*Superman: Entre a Foice e o Martelo*” (2019), by Sam Liu. The methodology used wore the French-ligned Greimasian Semiotics Theory, enlightened by Barros (2005) studies, investigating the signs, symbols and images utilized to embody to transmit political anticommunist biased messages. The theoretical foundation bases on Slater (2001), about the consume culture dynamics in the contemporary human society; Eagleton (2011), about culture, and Hall (2016), about representation; Bauman’s (2022), Bucci’s (2021) and Fisher’s (2020) arguments about capitalist realism and it’s mecanisms of mídia consume control are considered. As results, have been obtained that the Sam Liu adaptation of the Mark Millar artwork are faithful to the mecanisms of anticommunism contente image dissemination translated in biased political thought, answering the coletivo imagination exercise “what if Superman would have fallen in the URSS and not the EUA?”. As final considerations, we point out that the representation of Superman as a lethal weapon, in his messianic nature, gaslighted by the Estate, seems to be biased and implausible, considering that, canonically, Superman belligerently favors the USA in various conflicts between nations and is driven by liberal-economic ideology, while being an allegory for united-estatunian power and lengthly, which provides the understanding that with greater agility, the USA would dominate a force of nature like Superman, where the authors work towards the elaboration of a narrative that deals with a caricatured representation of the Soviet Union.

Key-words: Superman. Soviet Union. Intersemiotics. Anticommunism.

Resumen: La siguiente investigación tuvo como objetivo principal analizar la construcción discursiva anticomunista a través del análisis comparativo intesemiótico de la novela gráfica *Superman: Red Son* (2003), de Mark Millar, y la adaptación cinematográfica “*Superman: Entre a Foice e o Martelo*” (2019), de Sam Liu. La metodología utilizada se basó en la Teoría Semiótica Greimasiana de línea francesa, iluminada por los estudios de Barros (2005), que investigan los signos, símbolos e imágenes utilizados para encarnar y transmitir mensajes políticos sesgados anticomunistas. La fundamentación teórica se basa en Slater (2001), sobre la dinámica de la cultura de consumo en la sociedad humana contemporánea; Eagleton (2011), sobre cultura, y Hall (2016), sobre representación; Se consideran los argumentos de Bauman (2022), Bucci (2021) y Fisher (2020) sobre el realismo capitalista y sus mecanismos de control del consumo medio. Como resultados, se ha obtenido que la adaptación de Sam Liu de la obra de Mark Millar es fiel a los mecanismos de difusión de imágenes contentas anticomunistas traducidas en un pensamiento político sesgado, respondiendo al ejercicio de imaginación colectiva “¿y si Superman hubiera caído en la URSS y no en la URSS?”. ¿AUE?”. Como consideraciones finales, señalamos que la representación de Superman como un arma letal, en

su natureza messiânica, iluminada por el Estate, parece sesgada e inverosímil, considerando que, canonicamente, Superman favorece beligerantemente a los EE.UU. en diversos conflictos entre naciones y está impulsado por la ideología económico-liberal, al tiempo que es una alegoría del poder unido-estaduniano y de larga duración, que da a entender que con mayor agilidad, Estados Unidos dominaría una fuerza de la naturaleza como Superman, donde los autores trabajan en la elaboración de una narrativa que trata sobre una representación caricaturizada de la Unión Soviética.

Palabras-clave: Superhombre. Unión Soviética. Intersemiótica. Anticomunismo.

Introdução

*A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz
que clareia o meu caminho
(Salmos 119:105)*

Em 11 de Setembro de 2001, dezenove membros de uma organização fundamentalista islâmica chamada Al-Qaeda abduziram quatro aviões comerciais estadunidenses. A rota era simples, um deles se direcionara ao pentágono, outro para Washigton D. C., mirando na Casa Branca; entretanto, os outros dois tinham um destino mais simbólico. Diferente do avião em direção à casa branca, que não chegou ao seu destino, o avião em direção ao pentágono se chocou com a estrutura do centro de inteligência estadunidense com sucesso. Os dois aviões restantes também tiveram sucesso em sua missão suicida. Estes se chocaram com as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, o maior centro econômico dos EUA no início dos anos 2000. As labaredas e a fuligem não foram o suficiente para encobrir os três milhares de corpos atirados ao chão ou totalmente carbonizados, esmagados pelos entulhos do sonho americano.

Os estadunidenses não poderiam lidar com a sensação de derrota, que ainda ecoava na memória do povo, desde o retorno dos veteranos derrotados no Vietnã (1955-1975). George W. Bush, que vinha recebendo represálias do público desde que havia se tornado o presidenciável eleito nos EUA, precisava reagir de alguma forma aos ataques sofridos. Assim, elaborou-se uma estratégia para que se fosse criada uma grande repulsa mundial por Saddam Hussein, primeiro-ministro iraquiano⁴. O plano de Bush envolvia que Hussein fosse acusado pela produção de armas de destruição em massa, fossem estas biológicas, químicas e até nucleares, preparando uma elaborada ofensiva no período que o país estivesse sobre investigação e em

⁴ Hussein foi tanto presidente quanto primeiro-ministro do Iraque, sendo presidente entre 1979 até 2003, servindo como primeiro-ministro do Iraque duas vezes, sequencialmente, entre o mesmo período, primeiramente entre 1979 e 1991, e, novamente, entre 1994 e 2003.

holofote à nível mundial. O “temido” opositor logo foi transformado em memória, enquanto uma coalizão militar que contava com tropas britânicas, italianas, espanholas e australianas se formou antes mesmo de que os delegados da ONU pudessem afirmar que as armas não existiam.

Em 20 de Março de 2003 os estadunidenses, então, iniciaram o que pôde ser conhecido por Guerra do Iraque (2003 – 2011), que findou a vida de Hussein, deu origem a eleição de um fantoche político em seu lugar, o presidencial Jalal Talabami, e, permitiu grande retirada de petróleo e gás natural do país, que ainda em crise até hoje, tenta se recuperar econômico-demograficamente, enquanto sua força de trabalho foi reduzida à túmulos e lápides.

Levando-se em consideração que a obra selecionada para análise foi lançada originalmente nos Estados Unidos durante um período de grande animosidade, decorrente do pré-Guerra do Iraque, esta pesquisa tem como objetivo analisar, pela perspectiva intersemiótica, as representações de discurso anticomunista presentes em *Superman: Red Son* (2003), de Mark Millar. Para analisar os signos que estão intrinsecamente ligados com a intenção da mídia estadunidense de promover o sentimento de pavor na população, em razão do supracitado conflito, apontamos que a obra é constituída por elementos subjetivos que se valem da idealização de uma “ameaça soviética” para desenvolver o seu enredo de maneira tendenciosa e enviesada. Ambas as obras, tanto a *graphic novel* quanto à animação de mesmo título, dirigida por Sam Liu (2019), estão carregadas de símbolos e signos que igualam o comunismo ao fascismo, representado erroneamente como uma espécie de nazismo, compatível com as intenções ideológicas manipuladas para criar essa correlação abominável no imaginário popular. Para o liberalismo, a responsabilidade sobre o nazismo deve recair sobre aqueles que mais o combateram, os militantes de esquerda. Por isso as obras adotam a estética nazista ao representar o que deveria ser o comunismo soviético e findam por adotar uma perspectiva anticomunista e vilanizadora. Portanto, a questão norteadora da presente pesquisa é: “o comunismo é o que há de pior para acontecer ao Superman?”.

Como metodologia, utilizou-se a Teoria Semiótica Greimasiana, de linha francesa, à luz de Barros (2005, p. 12), que considera a semiose como “o estudo do texto com vista à construção de seu ou de seus sentidos, com o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido”. Na etapa das estruturas, organiza-se a narrativa a partir da perspectiva do sujeito. Nesta etapa de análise, o intuito é apontar as estruturas com os seus respectivos destinadores e destinatários, que influenciam no enunciado de Solnyshka, o Superman Soviético. Prioriza-se, assim, a análise das etapas

narrativas que compõem as obras, com a interpretação dos signos, símbolos e imagens que dependem exclusivamente da intenção por trás da elaboração do significado por seu autor.

Para a interpretação dos símbolos visuais e auditivos que foram identificados na obra, fez-se necessária a utilização do conceito de significado, disposto nos estudos de Fiorin (2005, p. 56), enquanto este é, para o autor, o “significado de uma ideia que está atrelado à outras ideias”, considerando que para se aderir o sentido à uma expressão, seja ela visual, auditiva ou verbal, se faz necessário à adesão desta nova expressão ao conceito primitivo que significa este sentido, de modo que todo símbolo ou signo presente em determinada obra deseja comunicar ao espectador uma mensagem codificada no imaginário⁵ popular, considerado a cultura, para Hall (2013), como um elemento da dinâmica antropológico que depende de outros elementos humanos para se desenvolver.

Desse modo, o presente artigo divide-se em duas seções: na primeira, com o título *1. Lâmpada para os meus pés: a influência das multinacionais na constituição da cultura de consumo*, apresentaremos as referencialidades teóricas para promover o debate sobre a comercialização do olhar, uma consequência da concepção resgatada dos textos de Marx (2017), denominada fetichismo de mercadoria⁶, que evoluiu para o que conhecemos hoje como “Superindústria do Imaginário”, respaldado em Bucci (2021); na segunda, intitulada *2. E se o Superman fosse soviético?: análise intersemiótica da propaganda anticomunista presente em Superman: Red Son (2003), de Mark Millar*, contextualizaremos os signos selecionados para análise, a fim de discuti-los de forma crítica e reflexiva pela perspectiva do realismo capitalista, conforme Fisher (2020). Na próxima seção, apresentaremos a influência das multinacionais na subjetividade do indivíduo pós-moderno e como tais consciências são exploradas pela cultura do consumo.

Lâmpada para os meus pés: a influência das multinacionais na constituição da cultura de consumo

Na sociedade contemporânea, a existência humana foi aparelhada pelas noções de vontade movidas pela necessidade de se possuir, sendo assim de tal modo, pois, como afirma

⁵ Imaginário: Campo das ideias que compõe determinada cultura humana, por meio do folclore, tradição ou costume.

⁶ Fetichismo de Mercadoria: Característica da produção de mercadorias na sociedade capitalista, sendo esta considerada como uma estatística natural e inerente às sociedades humanas bem-desenvolvidas.

Slater (2001, p. 17), o “consumo é sempre um processo cultural, sendo a cultura do consumo singular e especificamente o modo dominante de reprodução cultural desenvolvido no Ocidente” como um resultado do Capitalismo Tardio⁷, que se faz como um elemento característico da conjuntura social e cultural humana existente na atualidade em razão do que se compreende por globalização e propaganda, ambos altamente explorados durante e depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Desta forma, o capital assume novo papel quando seu sentido passou a demarcar a existência de um “Imaginário superindustrializado, que se apropriou de todas as imagens” (Bucci, 2021, p. 13), de tal forma que, como complementa o autor, “a captura do olhar tornou-se historicamente possível” (*idem*), de modo que o significado e sentido passaram a prestar vassalagem a ele, enquanto a cultura foi transformada por sua influência.

Se um indivíduo referencia uma obra imaterial, é certo que, para isso, ele consumiu tal produto. O campo das ideias fora recriado a partir da existência do Cinema e da Música, tornando a absorção de novos conhecimentos um modo de classificar os indivíduos de acordo com suas preferências, sendo identificados por suas influências como se pertencentes à castas, como os *geeks*, os *headbangers* ou os *bookworms*, cada um correspondente à uma tipagem nichada de gostos que permite que os sujeitos formem sua personalidade a partir das interdependências dos significados que procuram em cada um destes produtos. Deste modo, nos tópicos a seguir serão mais bem explorados os significados que se ligam à cultura do consumo e sua relação com a existência de uma possível superindústria do imaginário, como expõe Eugênio Bucci em seu estudo, *Superindústria do Imaginário* (2021), assim como da constituição de um Realismo Capitalista como resultado da globalização, decorrente do capitalismo tardio no pós-Segunda Guerra Mundial, como afirma Mark Fisher em sua obra de mesmo nome, *Realismo Capitalista* (2020).

A Superindústria Do Imaginário e As Dimensões Do Consumo

Como afirma Bucci (2021, p. 16), as noções de verdade e liberdade para o ser humano hodierno foram reformuladas a partir do momento em que “a instância da imagem ao vivo ascendeu-se como o novo oráculo das massas, quando esta assumiu o poder ritual de separar o fato da ficção”, onde o homem contemporâneo se vê cada vez mais acorrentado às amarras

⁷ Capitalismo Tardio: Período do Capitalismo iniciado no pós-II Guerra Mundial, caracterizado pelo crescimento rápido da indústria e desenvolvimento dos meios de produção.

tragas pelo comodismo das tecnologias. A imagem se transforma na principal ferramenta “das big-techs que desfilam como as empresas mais valorizadas do mundo, que não fazem outra coisa senão capturar o olhar” (Bucci, 2021, p. 16) do sujeito. Essas afirmações adquirem valor quando o consumo constante é, literalmente, interdependente à informação que é continuamente absorvida pela humanidade, como é o caso das imagens que são reproduzidas e compartilhadas nas chamadas “redes sociais”, que emulam à convivência humana por intermédio, essencialmente, do telefone celular. Seguindo o sequente raciocínio, pode-se compreender a razão para tal.

O indivíduo contemporâneo é vitimado direta e indiretamente pela vitória dos EUA em sua participação na Segunda Guerra Mundial. É assim, pois a derrota do nazismo na Alemanha Hitlerista e o bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki foram estritamente necessários para que, da mesma forma que ocorria com a propaganda nazista de Goebbels, o que se conhece por *american-way-of-life* ou sonho americano se tornasse rapidamente uma idealização do que seria a vida perfeita, onde você pode dirigir um carro atual que custa menos que o aluguel de uma casa mediana, portar sua própria AR-15 e nem sequer possuir tratamento médico público, ou uma casa feita de tijolos. É assim enquanto a existência humana foi tornada serva ao núcleo cultural do imaginário estadunidense, desde os produtos da higiene pessoal aos alimentos industrializado, as roupas de marcas que todos conhecem e os sapatos que se andam os muitos caminhos ao longo da vida, os desenhos que as crianças assistiam e os filmes que os jovens veem, até mesmo a própria televisão, computador ou celular pelo qual conheceram, assistiram e descobriram sobre a existência de qualquer um deste produtos que foram citados anteriormente.

O indivíduo nasce, pois, seus pais o idealizaram como uma mistura perfeita do que os dois poderiam ser, se fossem um único sujeito, ou apenas é resultado de uma troca de interesses sexuais sem necessariamente envolver sentimentos amorosos. Assim, sendo um filho como um resultado, criado como um produto em ambas as situações. Ao crescer ele precisa ter um bom percurso educacional, caso contrário, não terá valor de qualificação de mão de obra, tornando-se um produto pobre, e, portanto, sem valor para o mercado de trabalho. Se o indivíduo não investe em si mesmo, provavelmente ocupar-se-á com o consumo de obras empobrecidas, sendo cobaia de certos materiais de baixa qualidade. Logo, esse indivíduo estará sendo feito de

produto novamente, mas dessa vez, produzindo enquanto se diverte, ao assistir um vídeo em plataformas de *streaming* ou ao optar pela pirataria, produzindo em seu lazer.

Desta forma, a Cultura do Consumo é o que favorece que o indivíduo contemporâneo baseie a sua vida no trabalho ou produção que resulte em capital como recompensa para o mesmo por este determinado serviço prestado, dormindo para descansar e descansado para trabalhar, trabalhando para poder receber dinheiro e recebendo dinheiro para sustentar sua vida (SLATER, 2001), identificando os muitos modos que têm para poder se sustentar para economizar, e, economizando para poder comprar. Esse ciclo vicioso é reforçado pela superindústria do imaginário enquanto o sujeito que já produzia enquanto trabalhava, de forma remunerada, passa a produzir enquanto descansa, pagando para isso (BUCCI, 2021), seja por pagar a internet e sua instalação, a casa e os móveis em que repousa ou até mesmo recursos específicos de aplicativos específicos, como para bloquear anúncios ou para ter acesso a mídias específicas, como é o caso dos serviços de Streaming. Na próxima seção, compreenderemos como o consumo é utilizado como mecanismo de dominação pelo realismo capitalista.

O Consumo Como Forma Poder e o Realismo Capitalista

O acesso a estes recursos citados está ligado ao poder de aquisição dos indivíduos, o que favorece a concepção de que o capital “abre portas”, e, portanto, permite que o indivíduo se torne superior, hierarquicamente, aos outros indivíduos. É assim enquanto a ditadura da burguesia suprime a classe do proletariado e a oprime, sendo este sonho de riqueza/nobreza adquirida por meio do capital uma fantasia (LÊNIN, 2019), o que não indica, entretanto, que a sociedade não é regida pelo poder capital, uma vez que é por meio do capital que o indivíduo pode adquirir itens de essencialidade, assim como do fluxo deste entre os estratos sociais, considerando as intermitências do poder de compra do indivíduo. Entretanto, isso se refere a capitalização da essencialidade, não do contrário.

Para Slater (2001), a Cultura do Consumo não é o primeiro nem o último modo de reprodução cultural da sociedade humana, sendo uma amálgama do modo de reprodução residual e do emergente. É como se, por exemplo, ao ouvir *The Dark Side Of The Moon* (1973), do Pink Floyd, automaticamente associasse-se a obra ao filme “O Mágico de Oz” (1939), de Victor Flemming, mesmo que isso não tenha importância alguma para a vida do indivíduo. A cultura é para Fiorin (2005, p. 5) a razão para que o sujeito “execute uma ação, para que saiba o que é preciso para que possa fazê-lo, isto é, sendo competente para isto que, ao mesmo tempo,

ele queira e deva fazê-lo”, e, portanto, dependente do significado que um objeto, comportamento ou até mesmo um produto possa ter, essencialmente, para a cultura e para o indivíduo pertencente à esta cultura.

Esse significado pode ser representado, como para Hall (2013, p. 31) conectando “o sentido e a linguagem à cultura, inteligivelmente utilizando a Linguagem para expressar algo sobre o mundo”. Assim, pode ser esta representação adaptada de muitos modos possíveis. Sendo o ser-humano responsável pelo desenvolvimento de muitos mecanismos e aparelhos que pudessem habilitá-lo para a produção e reprodução de incontáveis elementos e tipos de cultura, desenvolveu-se, conseqüentemente, a capacidade imprevisível de formular o significado através de símbolos textuais, visuais, auditivos e corporais, estes, que são dispostos de muitos modos na vivência do sujeito, sendo cada um destes, em cada cultura, dotados de um significado para o sujeito que dali é pertencente.

Sendo o Capitalismo um elemento de importância incontestável para a existência humana atual, aparelhada pelo desenvolvimento capital e pela escravização ideológica proposta pelo *brainrotting*⁸ trago pelo uso extensivo do aparelho *smartphone* na pós-modernidade, faz-se necessária a adesão à linha de raciocínio, seguida neste trabalho, da concepção de Fisher (2005, p. 6) de que “é mais fácil imaginar se imaginar o fim do mundo, do que do capitalismo acabar”, enquanto que, por meio (principalmente) da propaganda criada pela indústria estadunidense e sua Hollywood, a imaginação humana foi estrategicamente remoldada para que, primeiro, (1) se instaurasse o pesadelo absoluto caso o poder do capital perdesse seu *valor*, e, segundo, (2) de se idealizar, primordialmente, o fim do mundo, mas, secundariamente, a manutenção da troca de produtos de acordo com a estipulação de um valor monetário determinado sobre este.

Essa ideia de fim do mundo foi inicialmente elaborada para representar a manifestação da barbárie absoluta que tratava da morte do *valor* do capital, ligada a morte do *valor* de superioridade do homem branco, apresentada em *Planet of Apes* (1968), de Franklin Schaffner, de modo que fossem subvertidas a ideia de liberdade civil do negro e, em plena a corrida espacial, dos valores de Estado livre do Capital imbuídos na ideologia comunista, espelhada no

⁸ Brainrot: Termo surgido na internet em meados de 2024 (lit. apodrecer do cérebro, apodrecimento do cérebro), normalmente utilizado para se referir ao processo de supressão da vontade e independência dos indivíduos humanos a partir do uso de aparelhos tecnológicos e redes sociais e suas ferramentas, majoritariamente, por vídeos curtos.

comunismo soviética no período. Foi, então, lentamente se transformando e fundamentando certas representações que se distanciavam mais da realidade, como ocorre em *Stranger Things* (2016), criada e produzida pelos irmãos Duffer, onde a ameaça comunista é representada pela abertura de fendas interdimensionais que trazem demônios invasores para a vida pacata dos cidadãos de Hawkins e colocam em risco a vida terrestre.

Este reforço constante da espera por um fim que, de fato, nunca chega, é elaborado para que o sujeito permaneça sempre preso a ideia do imediatismo do fim, apressando-se para capitalizar, e para este fim, obrigando-se a produzir, de modo que certas noções e culturas que se demonstram opositoras à essa servilidade do homem contemporâneo ao capital são transformadas em modos negativos de se viver e de se interpretar o mundo, e que, por isso, são erradas. Este argumento será mais bem destrinchado na próxima seção deste artigo, onde será realizada a análise intersemiótica das obras de Millar (2003) e Liu (2019) desta propaganda anticomunista representada veementemente, proposta na introdução desta pesquisa.

E se o superman fosse soviético?: análise intersemiótica da propaganda anticomunista presente em *Superman: red son* (2003), de Mark Millar

O Superman é um personagem do conglomerado *DC Comics*, editora estadunidense fundada em 1934. Criado para a publicação da *Action Comics #1* no verão de 1938, o protagonista, Kal-El, atravessa como um recém-nascido o hiperespaço dentro de uma nave projetada por seu pai, Jor-El, um engenheiro vivente em Krypton. Jor-El enviou seu filho para o espaço profundo pois uma guerra ocasionada pela morte do sol, o qual o planeta orbitava, resultaria na destruição definitiva de sua civilização. Em sua canonicidade, Kal-El pousa na plantação dos Kent, que o criam como seu filho, o batizando Clark Kent, que, então, cresce em Smallville e quando tem idade para trabalhar, vai até Metrópolis e lá se torna um repórter do Clarim Diário, namora e se casa com Lois Lane e se torna o maior herói que existiu, existe e existirá.

O Superman canônico é dotado de força sobre-humana, audição melhorada, inteligência aumentada, visão dos espectros magnéticos, velocidade sobre-humana, absorção de radiação estelar que pode ser utilizada como o “superflare” em um estado crítico – onde o Superman dissipa toda essa radiação que absorve constantemente como uma bomba termonuclear –, sopro congelante, “o soco de massa infinita”, que descende de sua intangibilidade, poder esse que pode torna-lo pesado com uma estrela ou leve como se nem sequer existisse, permitindo

também que o homem de aço se torne invisível, o que demonstra uma habilidade de manipulação biológica do próprio organismo, desenvolvida por Kal-El. Todos os seus poderes são justificados pela fisiologia kriptoniana, semelhante à humana pois, uma vez que, por conta do sol vermelho de seu planeta e de sua hereditariedade, seu organismo reagiu positivamente aos raios do sol amarelo e ecossistema terrestre, o tornando uma deidade que perambula entre os indivíduos comuns.

O funcionamento discursivo desta análise foi determinado pela oposição binária mínima de Bondade vs Maldade representada, respectivamente, por Clark Kent e Solnyshka, os semas negativos complementares para estes, também respectivamente, seriam de Poder Absoluto e Indestrutibilidade, contrário ao Poder Combatível e a Fragilidade. O mote principal da obra é de se realizar uma demonstração de como os ideais do Comunismo são medíocres e mal-intencionados, compatíveis com a cessação de direitos individuais e o extermínio sistemático de um grupo específico de indivíduos. É assim de tal forma que a constituição do Superman soviético ocorre como a de um déspota que instaura uma autocracia do pensamento na URSS e, deste modo, concebe um Estado “de paz” onde os indivíduos que cometem crimes são lobotomizados e transformados em escravos, ao que se assemelha com o governo de Hitler, Mussolini ou Franco.

Este tópico será regido por duas noções principais, sendo que, primeiro, (1) o Superman é uma emulação de Cristo, uma ferramenta da transformação dos ideais originais do cristianismo em um “sujeito cristo”, que no caso é Kal-El, um defensor determinativo, imbatível e incontrolável perante as limitações éticas, morais e constitucionais, dependentes das noções de Estado e Sociedade (humanos por natureza), que pela mais pura vontade e livre arbítrio, se voluntaria à servidão ao imperialismo estadunidense e aos mecanismos políticos que regem esta nação e, segundo, (2) que a bondade e a maldade aqui são codependentes das noções políticas e ideológicas dos autores das obras para possuírem alguma espécie de subjetividade.

O Camarada de Aço: Representações do Anticomunismo Como Fascismo Em Superman: Red Son (2003), De Mark Millar

A obra de Millar (2003) tem início quando o "Sputnik 2" adentra a atmosfera terrestre e a população de Metrópolis, em choque, realiza as suas preces e protestos. Desesperados com a destruição de tudo o que mais prezavam, os cidadãos não podiam lutar, nem se defender ou

mesmo contar com alguém que pudesse fazê-lo por eles. Entretanto, logo quando o satélite adentra o limite do evitamento do choque com o solo, nenhum pássaro ou avião se colocam entre ambos, mas, sim, um homem.

Figura 1 – O soviete Super-homem e o Sputnik 2.



Fonte: (Millar, 2003).

Este “homem” não é humano e nem estadunidense, mas soviético. Com a foice e o martelo em seu peito, segura o objeto voador identificado e o carrega em direção ao mar, destruindo-o ali mesmo. No decorrer desta obra, torna-se bem óbvio o motivo do “S” no traje do Superman, que significa “Esperança”, ter sido substituído pela foice e o martelo, como visto na Figura 1, uma vez que esse “S” é indubitavelmente o maior símbolo que se liga ao personagem Superman e é correspondente à sua canonicidade. Ocorre a substituição pelo símbolo máximo do comunismo como oposição à “esperança” do liberalismo econômico, sendo este um equivalente antagônico ao “desespero” representado pelo comunismo soviético. Isso ocorre enquanto Clark Kent, o homem de aço, é a figura representante do capitalismo e liberalismo econômico e o camarada de aço é o representante do “comunismo”, mas corresponde à representação do “fascismo”.

Figura 2 – O uniforme do *Superman* Soviético.



Fonte: Liu (2019).

Como se vê na Figura 2, existe uma inversão nas cores do uniforme do Superman: enquanto, originalmente, o uniforme seja nas cores azul e vermelha, para representar as cores

da bandeira dos Estados Unidos. No uniforme do Superman Soviético, as cores adotadas são: cinza, preta e vermelha. A cor vermelha é destacada para simbolizar a completude do domínio ideológico do Superman pelo regime soviético comunista. Além do mais, o vermelho também simboliza o sangue envolvido com o grande genocídio supostamente promovido pela União Soviética no período. A cinza faz menção às cores frias utilizadas pelos militares soviéticos durante a guerra fria, assim como é um reflexo da ausência de humanidade de Solnyshka. A escolha da cor preta, no entanto, é questionável, porque faz referência ao uniforme monocromático da SS⁹ nazista.

Dessa forma, esse indivíduo, Solnyshka, cresceu na URSS de Stalin, desde que a sua nave pousou na Rússia por volta de 1930. Ele não foi criado por pais amorosos, mas abduzido pelo Estado de seus pais adotivos ainda criança, sendo treinado como uma refinada arma de destruição em massa, dependente e submissa ao governo soviético para realizar suas atividades ou apenas existir como um indivíduo comum; o que não acontece, pois torna-se uma arma governamental e não pode ter uma vida comum, como um indivíduo normal.

Figura 3 – Solnyshka e Diana se encontram.



Fonte: Millar (2013).

Devido a seu grande poder, Solnyshka adquire uma posição de valor no exército soviético, de modo que, por sua influência e poder, acaba conhecendo pessoas importantes, como quando é apresentado à Diana de Themyscira, a mulher-maravilha, como se vê na figura 3., por quem passa a desenvolver interesses românticos, que, em realidade, se ligam apenas ao aumento exponencial de poder para ambos, pois Solnyshka não possui sentimentos humanos como Clark Kent. Isso serve como um modo de informar que a sensação de “liberdade” oportunizada pela circulação de capital no “livre mercado”, propagada pelo liberalismo

⁹ Schutzstaffel, abreviada como SS, 卐 ou, foi uma organização paramilitar ligada ao Partido Nazista e a Adolf Hitler na Alemanha Nazista e mais tarde na Europa ocupada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

estadunidense como o “sonho americano” ou “*american way of life*”, é erroneamente justificada como natural ao comportamento humano, como se a desigualdade fosse inerente ao ser humano, desvalorizando a ideologia comunista ao transformá-la em uma anomalia, algo não-natural. Assim como sugere, logo, que a interpretação de que o comunismo é intermediado pela cessação do livre arbítrio e do controle de pensamento, afim de que os indivíduos se tornem robóticos e, ironicamente, desumanos, contrários à diversidade, ao livre trânsito entre estratos sociais.

Solnyshka havia sido escolhido por Stalin para lhe suceder, o que deixou o seu filho irritado. O filho ilegítimo de Stalin, Pyotr Roslov, era o chefe de segurança interior da URSS. O homem chama a atenção de Solnyshka durante um momento de negação de sua perda de posição na linha de sucessão ao poder, por conta do próprio, informando-o que “precisou” assassinar um casal de opositores políticos que estariam envolvidos no desenvolvimento de propaganda anti-Superman na frente do filho do casal, que também havia sido ferido a tiros. O homem disse que os olhos enraivecidos do infante não saíam de sua mente e assim tenta se matar, sendo salvo pelo super-velocidade de Solnyshka. O momento é interrompido, pois logo se chega à notícia de que o premier da URSS, Josef Stalin, havia sido envenenado por “cianeto de potássio”. O fato do Superman não permitir a morte de Roslov indica que a obra irá utilizá-lo como uma ferramenta ou intermediador da instauração do estado de exceção.

O Superman Soviético insiste em afirmar que não gostaria de ser responsável por governar a URSS, uma vez que era também possuidor de um poder muito maior que o de qualquer indivíduo residente na Rússia. Portanto, não poderia se igualar ao povo, em contrariedade ao que sua ideologia pregava. Entretanto, enquanto Stalin é velado, os preparativos para a eleição de Superman ocorrem. Contudo, Solnyshka não se atentou para o fato de que o processo que levou à queda do Sputnik 2 não poderia ter ocorrido sem interferência externa. A questão é que, ao saber da existência deste tal “super-homem”, o presidente estadunidense Dwight Eisenhower contrata Lex Luthor para desenvolver uma técnica para que pudessem combater a ameaça comunista. Além de forçar o Superman a se exibir, também permitiu que os dados genéticos do “Camarada de Aço” fossem divulgados para Luthor.

Dessa forma, não é uma surpresa quando Luthor cria o Bizarro, uma versão do Superman que é, canonicamente, construída a partir do roubo de seu DNA, e o envia em direção à União Soviética, assim como alguns mísseis, de modo que Superman seja confrontado pela criatura e também seja obrigado a lidar com os teleguiados. A criatura pode ser observada na

figura 4., à esquerda. Após uma batalha que ocasionou fatalidades, o Superman repreende a criatura, que ao invés de bater em retirada, carrega a bomba que se aproximava pelo horizonte para fora da estratosfera e, com ela, explode.

Figura 4. O “Homem-americano” e Brainiac.



Fonte: Millar (2003).

Mesmo se julgando um proletário e não um porta-voz público (MILLAR, 2003), quando se depara com Lana Lazarenko “passando fome” com os seus filhos, na fila para o funeral de Stálin, Solnyshka decide que fará de tudo para que os cidadãos soviéticos não sofram mais com a pobreza e a fome. Deste modo, o protagonista contraria pela primeira vez suas próprias crenças. Afinal, se antes considerava-se indigno do papel de líder na URSS por conta de seu poder imensurável, de repente decidiu que seu poder seria a verdadeira chave para o sucesso da “expansão comunista”, que acabaria com a fome e a miséria do mundo, empregando-o de modo que ele antes jamais poderia imaginar. Luthor, então, utiliza uma inteligência alienígena para encolher Stalingrado. Sendo assim, Superman subtrai o extraterrestre, como mostrado, também, na Figura 4., à direita, com o intuito de compreender seu potencial, e, conseqüentemente, para utilizá-lo em sua jornada para a disseminação do comunismo kriptoniano.

Em vinte anos, a União Soviética torna-se o país mais desenvolvido do planeta, sendo a ideologia comunista a mais prolífica ideologia em nível mundial e sua eficiência é inquestionável, ao passo que praticamente todas as nações do planeta tornaram-se subservientes ao “Pacto de Varsóvia” que, encabeçado por *Solnyshka*, tornava estas nações subordinadas a ele. Ao mesmo tempo em que existia ainda um país como Estados Unidos fraco, que, aliados à uma única potência parceira, o Chile, representava uma oposição ao camarada de aço e sua impenetrável URSS; existiam também soviets que se opunham ao regime da prosperidade de *Solnyshka*. Portanto, na obra, mesmo que sua estratégia de investimento em educação, em igualdade de direitos e em desenvolvimento humano tenham prosperado, o comunismo ainda

possuía opositores que discordavam de sua noção de unidade pela revolução do proletariado e, conseqüentemente, na anarquização da sociedade, sendo este um dos estados mais avançados da sociedade humana.

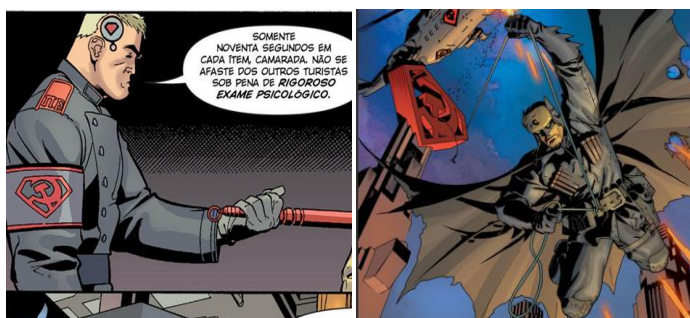
A interpretação de que o desenvolvimento humano igualitário é perigoso, trazida pela obra, corrobora para a manutenção da ideia de que o comunismo é equivalente ao fascismo. A partir da manipulação ideológica por meio das representações da constituição de um estado autoritário e autônomo nessa conjuntura sociopolítica alternativa, é da mesma forma como na qual que a anarquia é relacionada à ideia de “bagunça”, enquanto, na verdade, é a idealização de uma sociedade humana tão pacífica que permitiria a coexistência do respeito à moral e à ética, sem necessidade de leis para controlar a população e mantê-la submissa.

O comunismo “verdadeiro”, considerado utópico, sensato, moral e, como “Jesus Cristo pregava”, para as narrativas, é tão possível quanto a existência do Superman na realidade humana existente. Há uma concepção que deve ser levada em consideração antes de se afirmar que o comunismo é uma ideologia perigosa ou falaciosa. E, que primeiro, se realize um exercício de imaginação, sobre “o que seria a sociedade humana sem a natureza bélica do ser humano?”. Apenas então se encontraria uma resposta breve para os motivos de uma ideologia política tão concisa, praticante do respeito coletivo ao trabalho individual, livre da violência ou da soberba do ser humano.

Talvez por isso, o comunismo imaginado prospere por intermédio de Solnyshka (que não é humano, como repetido por diversas vezes na obra). Entretanto, ainda constitui uma representação corrompida da subjetividade comunista influenciada pela ideologia liberal dos próprios criadores da obra. As concepções destes são reféns das noções criadas pela segunda guerra mundial (1930-1945) e a guerra fria (1947-1991). No caso, desta concepção capitalista do que é o comunismo impressa na obra analisada, há uma ameaça comunista advinda dos soviéticos, que de todas as formas tenta romper com a paz dos cidadãos-liberais-de-bem. Infelizmente, para Lênin (2019, p. 20), “a democracia permite a conservação do poder nas mãos da burguesia, deixando que um punhado de exploradores continuem usando a máquina do Estado” para concentrarem capital e controle de mão-de-obra, e, desta forma, “o proletário deve destruir a máquina do Estado e não se associar aos agentes da burguesia” (LÊNIN, 2019, p. 21), considerando que o Estado permite a abertura para existência de dissidências políticas que favorecem apenas aos detentores do capital, utilizando do poder da massa de manobra e continuamente oprimindo-a.

É quando a noção de que “na prática, a república democrática, a Assembleia Constituinte e as eleições universais são a ditadura da burguesia” (LÊNIN, 2019, p. 21) é aceita pelo proletariado, de modo que se unam os trabalhadores do mundo todo, que “essa ditadura da burguesia pode ser substituída pela ‘ditadura do proletariado’, tornando os bens da democracia acessíveis ao povo pela ‘ditadura da uma classe’” (LÊNIN, 2019, p. 21). Mais tarde o autor explicou ser esse um termo que se liga à ideia de regra, e não de domínio e controle. Enquanto, por meio da derrubada da burguesia e do regime capitalista, a revolta armada do proletário garantiria que a sociedade pudesse existir em equilíbrio absoluto, em um tempo de paz e não-agressão, que, aparentemente, nunca existirá ou é muito longínquo.

Figura 5 – Controle de pensamento ideológico e o Batman terrorista.



Fonte: Millar (2003).

Na obra, esse opositor em questão é o Batman: um personagem que aqui não possui nome conhecido, pois diferente de sua versão canônica, não é filho de um abastado magnata que foi assassinado e deixou um legado. Ele tem um plano que consiste em plantar bombas por todo Moscou, atraindo o Superman para uma armadilha à qual havia elaborado em conjunto com Lex Luthor, tendo auxílio de Pyotr Roslov para tal, como visto na figura 5.

Com a derrota de Batman, e seu subsequente suicídio, após uma luta difícil devido ao preparo do Batman, Roslov é lobotomizado e fica à serviço de Diana, que perdeu o seu poder durante a batalha para salvar Superman. A mulher-maravilha se revolta contra os ideais de Solnyshka, do mesmo modo que agora abandona sua breve paixão pelo camarada de aço. Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, Luthor passa a realizar experimentos com um poder alienígena que, logo tornaria as tropas estadunidenses habilitadas a partir da vontade dos Lanternas Verde, com o auxílio de uma força tarefa.

Figura 6 – Luthor presidente e a derrota de Superman.



Fonte: Millar (2013).

Em um 2001 próspero, onde não ocorreu o 11 de setembro, o mundo estaria livre da criminalidade. E, ao invés de George W. Bush ter sido eleito presidente dos Estados Unidos, Lex Luthor se torna o presidenciável eleito, como se vê na figura 6. A fortaleza de inverno de Solnyshka, uma versão da fortaleza da solidão de Clark Kent, é gerida pela tecnologia de Brainiac. Este último, ao realizar uma sequência de cálculos, identifica que os Estados Unidos estavam fadados ao fracasso econômico em razão da instauração de um apocalipse sistêmico no país, uma vez que aquela sociedade continuava caminhando para o desastre absoluto. Uma vez que o Superman canônico é inexistente nesse mundo alternativo e, portanto, o poder do liberalismo econômico é reduzido, não houve a ocorrência do atentado às torres gêmeas. Os autores da obra também responsabilizam os representantes da nação estadunidense pelo fatídico dia e pela conseqüente guerra do Iraque, assim como da própria existência do capitalismo e seus mecanismos.

Entretanto, o que *Solnyshka* não considerou durante esses mais de 40 anos foi que se ele adquiriu Brainiac de Luthor, automaticamente, o computador possuía ligações com seu arquinimigo que, novamente, consegue guiar Superman para uma armadilha milimetricamente planejada. Ao invadir os Estados Unidos por influência de Brainiac, depara com Luthor preparado com um traje especial para lutar com Superman, assim como a tropa do Lanterna Verde e das Amazonas, que são derrotadas sem muitos esforços por parte do camarada de aço.

Então, Brainiac absorve Luthor e procura dominar sua consciência, para que possam mesclar as suas inteligências e, de algum modo, evoluírem em conjunto. Entretanto, tudo isto não passou de um plano de Luthor, que enfraquece o Superman com uma carta que lhe indagava sobre a possibilidade de se engarrifar o mundo inteiro (MILLAR, 2003), destruindo o processador de Brainiac e a moral de Solnyshka, que desaparece é dado como morto. O Superman Soviético foi derrotado por sua própria inaptidão de se preservar, confiando todo o

seu governo a um robô, procurando controlar tudo sozinho, sem considerar o ideal do comunismo pela divisão igualitária de papéis e direitos, assim como equivalência na importância do trabalho desenvolvido pelo proletariado, permitindo a divisão de funções de maneira equilibrada.

Luthor, reeleito em 2004, reforma a sociedade estadunidense, garantindo que, por meio da perseguição e da extinção do comunismo, o liberalismo econômico prevalecesse, de modo que, ao longo de muitos séculos, se a sociedade humana prosperasse a partir dos ideais ligados a este modelo econômico, como a hierarquização dos indivíduos em posições de poder que geram a fome, a desgraça e a desigualdade.

Diferenças entre as mídias: O Homem-americano, A Morte de Stalin e o Paradoxo de El

Diferentemente da obra de Millar (2003), a obra de Sam Liu (2019) tem início ao mostrar um pequeno garoto fugindo de alguns valentões, sendo defendido por sua amiga durante o ataque. A mocinha tinha ciência de que se ele estava apanhando, era simplesmente por que permitia ser derrotado, pois além de possuir grande força, ele poderia voar e até carbonizar as outras crianças com seus olhos extraterrestres. O pequeno garoto havia chegado recentemente ao solo terrestre, quando sua nave invadiu a atmosfera e aterrissou na União Soviética. Este início delimita a história por completo, pois do mesmo modo que fora derrotado por indivíduos mais fracos do que ele – apenas por ser regido por esta mentalidade de derrota –, Solnyshka irá ser derrotado por Brainiac e se renderá à Luthor por simplesmente ignorar o fato de que ele não deveria confiar ou depender de seus inimigos.

O ainda mais despreparado e desumano Solnyshka da animação de Liu (2019) não mede esforços para fazer tudo de pior para que seu plano megalomaniaco prevaleça. Ele assassina Stalin ao se surpreender com a existência de Gulags, prisioneiros políticos e fome, enquanto diariamente luta para a prevalência destes, como se sua inteligência superior pudesse ter sido contrariada de alguma forma, se pode ouvir um assobio do outro lado do planeta. Quanto à Luthor, também não é um personagem complexo como na *Graphic Novel*, sendo sua invenção do Homem-americano uma grande falha, e, sua luta com Superman um tremendo fiasco. A animação trabalha com a super-simplificação do material disposto pela *Graphic Novel*, ignorando ou mudando elementos essenciais para a construção da narrativa, tornando o processo de subjetivização de uma propaganda anticomunista refém à falta de exploração do

contexto geopolítico ao qual a temática está presa, sem se esforçar para autoexplicar-se, pois, sendo uma obra produzida para atingir um público infantil, trabalha o tema por uma perspectiva elementar, vazia e cansativa.

Há também o abandono da questão do Paradoxo de El; este elemento se liga à elaboração de uma relação entre Luthor e Kal-El (Solnyshka) para além do ódio, pois, ao passo que as gerações foram se perpassando, o sobrenome de Luthor (neste universo) é abandonado por seus descendentes, sendo este transformado apenas no valor sonoro da consoante “L” na língua inglesa. Assim, “Luthor” se torna “El”, sobrenome da família de Kal; ou seja, ao ser enviado por seu pai de “Krypton” para a “Terra”, Kal-El, ou Solnyshka, não atravessou o hiperespaço e pousou em outro planeta, mas sim viajou por um espaço que o locomoveu através do tempo, o levando para o passado como um mensageiro da mudança, fazendo com que Luthor seja responsável pela existência de seu tão odiado inimigo, Superman.

Enquanto Clark Kent pode ser o Superman One Million¹⁰ ou o Superman que ressurge de suas cinzas¹¹, Solnyshka não pode ser mais que o Superman acólito de Darkseid¹², seguindo ordens e destruindo a vida por onde passa, nem sequer se equiparando à versões mais ligadas aos ideais do fascismo ou maldade, como o *Superman Injustice*¹³, indestrutível e imparável, que

¹⁰ *Superman, One Million* (DC One Million, 1998): Superman One Million, é um personagem desenvolvido por Grant Morrison (roteirista) e Val Semeiks (quadrinista) que aparece em uma Graphic Novel de única edição intitulada, primeiro, de *Hitman #1.000.000*, mas que depois foi relançada em uma edição expandida intitulada *DC One Million 80-Page Giant #1.000.000*. O personagem é uma versão de Kal-El que viveu dentro do sol durante tanto tempo após a morte de Lois Lane, que centenas de milhares de anos se passaram na terra. Ele é como um Deus, pode manipular matéria e é como se feito de ouro puro.

¹¹ A Morte de Superman (Superman, Vol. 2, #75, 1993): A morte do Superman é o evento mais vezes repetidos ao longo das muitas reformulações do universo da editora, sendo inicialmente escrito por Dan Jurgens e desenhado por Brett Breeding. A história, canonicamente, precisa envolver a criação ou chegada de Apocalypse na Terra, seu embate infundável com Superman e, por fim, o empalamento de Clark por seu arqui-inimigo que resulta em sua morte. Depois de algum tempo, o kriptoniano deve ressurgir da morte e derrotar o inimigo.

¹² *Superman: The Dark Side* (Superman: The Dark Side, Vol. #1 – #3, 1998): Edição pertencente ao selo *Elseworld*, escrito por John Moore e desenhado por Kieron Dwyer, se passa em uma realidade alternativa que Kal-El pousa em Apokolips, e não na Terra, tornando-se O sucursal de Darkseid, um de seus maiores inimigos no universo canônico. Trabalhando para o Rei do Inferno, Kal se apropria da ideia da maldade absoluta e usa de seu poder para a destruição e o caos. O rapaz utiliza uma vestimenta especial com cores pretas e vermelhas, assim como um raio que divido ao meio no peito que lembra muito o símbolo da SS, representando o fascismo em seu estado mais puro.

¹³ *Superman: Injustice* (SUPERMAN: INJUSTICE, Vol. #1 - #60, 2016): O universo Injustice foi uma série de HQs inicialmente publicada em 2013 como um prequel ao primeiro jogo da franquia lançado na plataforma PlayStation3. A história consiste em um evento não canônico, onde o Coringa decide que também pode ser vilão do Superman, e prega “uma peça” no homem de aço. Ele consegue contaminar o Superman com a toxina do medo do Espantalho junto com um pouco de kriptonita, e, assim, o Superman enxerga Darkseid, seu maior medo, e o espanca violentamente, levando-o para a estratosfera. Este é tempo o suficiente para o efeito passar e Clark perceber que na verdade quem espancou foi sua esposa que estava grávida. O Superman fica louco, mata o coringa e começa a governar o mundo com uma milícia armada, absolutamente ensandecido.

mata até os próprios amigos para atingir seus objetivos, ou o *Superboy Prime*¹⁴, que tem tanto ódio que quebra a quarta parede e espanca o seu roteirista/autor, tornando-se seu próprio deus, controlando sua realidade ao manipulá-la para que ele mesmo possa passar à existir.

Solnyshka não é apenas mais fraco que seus equivalentes de outros universos, mas também não tem moral ou mesmo convicção. Ele replica muito mal o comportamento humano, e não tem um raciocínio à longo prazo, provavelmente, pois, não tem um alter-ego humano, e, por isso, não aprendeu a lidar com imprevisibilidade do comportamento humano. Assim, o Camarada de Aço não é muito mais do que uma replica fajuta do que seria o “verdadeiro Super-homem”, que tem uma moral inquebrável e uma convicção impenetrável, que nunca se corromperia ao matar um homem, apenas favorecendo para que o Homem permaneça morrendo, seja em suas missões para destruir terroristas, ou salvar Lois Lane de terroristas, ou em destruir os muito centros urbanos com lutas sem sentindo que geram muitas fatalidades, como um terrorista.

Então, se realizarmos um pequeno exercício de imaginação, podemos conceber que a indústria midiática estadunidense que coordena e produz esse tipo de conteúdo procura estabelecer uma relação entre a figura de Superman com Cristo. Entretanto, este Cristo está armado com 2.^a Ementa da Constituição Estadunidense, e, portanto, corrobora com o discurso do direito à propriedade privada, com a ideia de um país ser tido como uma imensa indústria, empresa ou qualquer tipo de aparelho que funciona sob a noção básica, e regimentar, da máxima produção e constante acúmulo de capital, não importando de onde venham as matérias-primas ou como elas foram adquiridas para a determinada produção.

Assim, o Jesus Cristo da ideia de união, como em Hebreus (10:24-25), que afirma “Consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras/ procuremos encorajar-nos uns aos outros”, e da ideia de comunhão em grupo, de comunidade ou

¹⁴ *Superboy, Prime* (DC Comics Presents, Vol. #87, 1985): O Superboy Prime é uma criação de Elliot Maggin (roteirista) e Curt Swan (quadrinista), elaborada para a exemplificação ideal do efeito que a Crise nas Infinitas Terras (evento que significa a renovação do universo DC — reboot) nos muitos universos existentes no multiverso DC. Prime era um humano normal em uma Terra sem heróis, enquanto estes eram apenas histórias em quadrinhos. Entretanto, com a Crise nas Infinitas Terras, Clark Kent da Terra Prime desenvolve os poderes do Super-homem, tornando-se o único herói daquela Terra. Quando seu universo é destruído, Prime não pode superar o fato de que foi destituído de seu grande destino, então ele mata o Anti-monitor (uma deidade do universo DC), rouba seu uniforme, quebra a 4.^a Parede, espanca seu criador, recria seu universo desde o início, impede que tudo seja destruído e se transforma em um grande problema para todo o multiverso DC, sendo responsável pela Crise Infinita (outro evento de *rebooting*). A imprevisibilidade do rapaz, seu desejo assassino e seu senso moral distorcido se associam com seu poder que pode ser comparado ao Superman Prime 1.000.000, mas ele não se importa em matar o que tenta lhe impedir de atingir seus objetivos.

comunismo, como em Jó (13:25-26) “amem-se uns aos outros, assim com eu vos amei”, ou em Eclesiastes (4:9-12) “Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se/ um homem pode ser vencido, mas dois conseguem se defender”, é reformulada como a representação de um indivíduo nascido para a guerra e destruição, como se por meio do conflito pudesse-se encontrar a paz, destruindo seus inimigos e não procurando encontrar modos de que haja esta paz improvável sem o intermédio da violência extrema, vestido com as cores da bandeira estadunidense e dotado da mais pura subjetividade de patriotismo exacerbado, que pode ser categorizado até como nacionalismo considerando certos parâmetros.

Inicialmente, é como se o cristianismo funcionasse como uma ideia, que se muito repetida e adorada passasse a adquirir tamanho poder que pudesse extrapolar a natureza humana, de modo que o ser humano convivesse como um ser pacífico, não dependente ou inclinado à guerra. Entretanto, o intermédio da Igreja Católica Apostólica Romana (476 d. C), que basicamente foi o renascimento de Roma para permanecer existindo na continuidade da História através, inicialmente, da Alta Idade Média (476 d. C. - 1000 d. C.) durante o Feudalismo e, conseqüentemente, em todos os períodos históricos posteriores, transformou a ideia de amor e união de Cristo em motivos para se guerrear e invadir outros países¹⁵¹⁶, em motivos para matarem-se os indivíduos uns aos outros¹⁷.

Assim, o Comunismo como limitação é contrário ao Capitalismo como libertação, primeiro, (1) por estar ligado à redução da injeção de produtos estrangeiros no mercado interno, segundo, (2) estar ligado ao poder de compra de todos os indivíduos ser tornado igual ou equivalente, e, portanto, é a desconstituição da hierarquia de poder e sua reforma, terceiro, (3) o poder de compra ser constituído como uma forma de intermédio para o poder e influência e, quarto, (4) pois o sujeito que é dotado de um grande poder proporcionado por seu poder econômico é destituído desta qualidade, pois, enquanto o trabalho ganha valor, o capital retrocede. Desta forma, a resposta para a questão norteadora de se “O comunismo é a pior coisa que pode acontecer ao Superman?” é respondida afirmativamente, tendo em vista o que foi afirmado anteriormente.

¹⁵ Cruzadas: Foram expedições guerreiras-religiosas ocorridas entre o Séc. XI e XIII (1095 – 1291) com o objetivo de conquista da Terra Santa, então sob domínio islâmico

¹⁶ Colonialismo: Método de dominação de uma nação sobre a outra territorial, cultural e economicamente.

¹⁷ Inquisição: Movimento político-religioso de perseguição aos hereges condenados por seguirem teorias contrárias aos dogmas da Igreja Católica.

Considerações finais

Mesmo que ao longo dos últimos 86 anos o Superman canônico tenha sido constituído como uma figura messiânica, na verdade, não passa de mais uma das muitas funções dispostas pelas incontáveis ferramentas de controle do pensamento e da concepção implementadas pela indústria por meio da mídia para que a retroalimentação da cultura do consumo, característica do capitalismo tardio, permitisse que a globalização adquirisse um desenvolvimento acelerado e incomensurável. Esse desenvolvimento forçou a inserção de novos modos na vivência dos sujeitos, para que a função do consumo se transformasse gradativamente em uma forma de dependência, impedindo os indivíduos cessarem o consumo das informações bombardeadas pelas redes sociais, em uma falsa sensação de liberdade.

O Superman não é apenas um personagem imortalizado no imaginário coletivo, mas também é uma representação do capitalismo e da globalização, do consumo, da guerra e dos resultados que tal guerra pode trazer. O Superman é a personificação da propaganda e dos malefícios desta para a subjetividade humana, sendo, com certeza, um dos maiores inimigos para qualquer sociedade que deseje capacidade intelectual. Ao concentrar poder está predisposto a destruir qualquer um que se oponha a ele, seja humano ou não. Portanto, ao contrário dos valores de igualdade entre os indivíduos cuja sociedade está desprovida de mobilidade social, tendo em vista o seu caráter segmentário.

Sendo assim, Superman é a constituição do pesadelo do proletariado, pois se decidir um dia virar-se contra a humanidade, transformará todos em escravos. Dado o poder que possui, não há nada que se compare mais do que, na sociedade hodierna, o poder de compra, pois se um indivíduo é dotado de uma quantidade exorbitante de capital, também está além da margem do certo e errado, assim como é destituído de suas fraquezas, pois o capital serve como um denso escudo que protege o indivíduo de muitos problemas.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. São Paulo: Zahar, 2022.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Democracia e Luta de Classes**. São Paulo: Boitempo, 2019.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: ED. PUC-Rio: Apicuraí, 2016.

MILLAR, Mark; JOHNSON, Dave; PLUNKETT, Killian. **Superman – Red Son**. New York: DC Comics, 2014.

MARX, Karl Friedrich. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

SLATER, Don. **Cultura do Consumo e Modernidade**. São Paulo: Editora Nobel, 2001.

Recebido em: 13 de julho de 2024

Aceito em: 7 de novembro de 2024
